

**ALGUNS ASPECTOS ETNOGRÁFICOS
DOS BOQUÍMANOS DA NAMÍBIA**
(Documento etnográfico)

Ilse Schatz

O texto que se segue é um excerto do trabalho de Ilse Schatz [*Unter Buschleuten. Auf der Farm Otjiguinas in Namibia* (Entre os Bosquímanos. Na quinta de Otjiguinas na Namíbia), Tsumeb: Edição da autora 1993]. Ilse Schatz é uma fazendeira namibiana que, ao contactar com os trabalhadores bosquímanos da sua fazenda, se interessou de tal modo pela cultura deles que se dispôs a registá-la por escrito. Particularmente estreita foi a relação que manteve com um curandeiro, de nome /Garugu, de quem, aliás, obteve a maior parte da informação que utiliza no texto. As partes deste referentes a ele, descrevendo a sua acção enquanto curandeiro, serão brevemente publicadas pelo Centro de Estudos Africanos - Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, numa publicação coordenada por Manuel Laranjeira Rodrigues de Areia. Tratando-se, porém, de um texto rico em informação etnográfica, escrito originalmente em alemão e, como tal, inacessível a grande parte dos leitores portugueses, o conselho de redacção da revista *Africana Studia* achou por bem publicar no presente número alguns excertos não contemplados na publicação de Coimbra.

A divisão do texto em capítulos, assim como a designação destes, está conforme o original. Enquanto tradutor procurei ainda manter o estilo directo e impressionista que a autora imprimiu à sua descrição.

José Carlos Venâncio*

* Universidade da Beira Interior. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto

OS HAIN/OMN

Durante as cerimónias, que tinham lugar sobretudo à noite, sentava-me junto dos Hain/omn-Bosquímanos, calada para os não perturbar. As perguntas fazia-as ao curandeiro, /Garugu, durante o dia, que as ouvia, mas às quais não respondia. Visitava-o, então, à noite, na sua cabana, pois tinha entretanto descoberto que ele não falava sobre tais questões durante o dia. Apenas à noite, na sua cabana, diante do seu fogo sagrado e quando estávamos apenas os dois a sós, sem que, mesmo assim não interrompesse amiúde a conversa para verificar se, do lado de fora da cabana, estaria alguém a ouvi-lo. Quando o meu marido e os meus filhos vinham ter connosco, ele mudava imediatamente de conversa.

No início eu estava convencida de que o que via e ouvia nas cerimónias seriam costumes e rituais dos Hain//omn-Bosquímanos. Depressa compreendi que tais costumes não tinham uma validade geral. Os Bosquímanos não eram de forma alguma um único povo com uma só chefia. Viviam antes em clãs (Sippen), com anciãos que estipulavam os costumes e os rituais do clã.

Os nossos Hain//omn, i.e., os que viviam na fazenda, provinham de Namutoni, Otjikoto, Tsumeb, Guinas e Bobos. Mesmo em relação a estes clãs era difícil fazer qualquer generalização, o que, aliás, muitas vezes me desencorajava no meu propósito investigativo. Por exemplo, à pergunta, “como enterram os vossos mortos”, respondia-me um Hain//omn de Otjikoto: “Sentados, atados num buraco redondo de forma a que o seu rosto esteja virado para o sol nascente!” Um de Namutoni respondia-me, por seu lado, o seguinte: “Um morto é amarrado na posição de sentado, na maioria das vezes colocado num buraco de orictélope (gr. *Orykteres*)¹ abandonado, tapado com pedras e o rosto tem de estar virado para ocidente, como o sol vai dormir no ocidente, assim o morto também deve a partir desse momento dormir”. Deparei-me muitas vezes com tais contradições.

A palavra Hain//omn significa pessoa que dorme em árvores (*Baumschläfer*). No tempo das chuvas dormiam em cima das árvores por causa dos mosquitos e não por causa dos animais selvagens, como muitos pensam. Existem na sua região muitas Pfannen e Vleys (pequenas bacias de água) que, no tempo da chuva, se enchem de água e se transformam em locais ideais para a criação de mosquitos. Para que se tenha uma noção da quantidade de mosquitos, citarei

¹ Erdferkelloch em alemão. A tradução portuguesa é orictélope, palavra de origem grega que significa cavador. Refere-se a um quadrúpede sul-africano que devora formigas, da sub-ordem dos lamelicórneos, família dos Escarabeídeos. Cf. José Pedro Machado, *Grande dicionário de língua portuguesa*, Lisboa: Publicações Alfa 1991 (nota do trad.)

uma passagem do diário de Thomas Mayr, um soldado colonial que em 1896 participou na construção da estação de Namutoni, destinada a combater a peste de gado vácuo. “Uma calamidade - diz o soldado - era a causada pelos mosquitos que desde há algum tempo surgem em grande quantidade, não deixando ninguém sossegado durante a noite inteira. Enfiávamos várias peças de roupa, tapávamos o rosto e as mãos com toalhas, mas era tudo em vão. Encontravam sempre uma abertura por onde entravam e nos picavam. Uma tal picadela dói e faz comichão durante um dia inteiro. Cada dia que passava havia mais mosquitos, pensar em dormir durante a noite deixou de ser possível, pelo que passámos a dormir durante o dia. À noite punhamos à volta do fogo, onde se estava um bocado melhor, sobretudo se as chamas fossem regulares e fortes”.

O senhor Böhme von Onguma, também residente na região, contou-me uma vez que, na estação das chuvas de 1934, as suas ovelhas, apesar da existência de bons pastos, emagreciam. Perguntando-lhe espantada, como é que isso era possível, respondeu-me: “Sim, à noite havia muitos mosquitos no curral e, para deles se verem livres, as ovelhas passavam a noite em movimento. De manhã iam para as pastagens, pastavam durante pouco tempo e dormiam durante o resto do dia. Assim ficavam cada vez mais fracas”.

O mesmo se passou com os Hain//omn, embora estes soubessem defender-se. Construíam, assim, lugares para dormir nas confluências dos ramos das árvores. No chão, debaixo da árvore, faziam um fumeiro de madeira e entrecasca. O fumeiro tinha apenas uma abertura para cima para que o fumo subisse e os protegesse. Queimavam madeira Tambutti que mesmo molhada arde e que, sendo rica em alcatrão, tem um odor muito forte ao ser queimada, de que os mosquitos não gostam. Assim o fumo subia e afugentava os mosquitos. Na eventualidade de o vento empurrar o fumo, empurraria também os mosquitos. Todavia, na maioria das vezes as noites são muito calmas, sem vento, e quentes.

Os Hain//Omn-Bosquímanes que residem em Karstfeld vivem integrados em clãs. Cada clã tinha o seu chefe e um determinado território (Revier) por onde circulavam, sempre à procura de alimentos. Ninguém devia ultrapassar os limites do território, pois corria o risco de causar um conflito com o clã vizinho. Se, ao caçarem, acertassem num animal que fugisse para o território vizinho, não deviam persegui-lo. O chefe do clã que vivia no lago Otjikoto, chamava-se “//GAKOWEB”. Isto era no tempo em que os brancos, por volta de 1905, vieram para a região de Tsumeber. O chefe em causa era chamado por todos por OTJIKOTO. Era a sua alcunha, pois otjikoto é

uma palavra ovambo.

Os Hain//omn chamavam ao lago !GAISIS, i.e., “qualquer coisa assustadora”. Como têm bastante medo da água, tinham medo do buraco fundo que estava cheio de água. // Gakoweb reinava sobre Otjikoto, Klipfontein, Bobos, Tschudi, Otjiguinas, Otjikotoberg, Seringboom e Frisenberg. Em Audib, hoje a quinta Witvlei, era chefe clânico //GAAB e o sub-chefe KARISEB. O seu território incluía Audib, Aiganab, Dinaib, Driefontein, Massaus, Omuparara, Sandhup e Kwansib. Hans Haneb contou-me que ele nascera em Namutoni, hoje parte do parque de Etoschap. Os Hain//omn chamavam a este lugar Namutoni !TAMAROS, i.e., “lugar preferido”. Ao seu clã pertenciam os poços de Namutoni, Pequeno-Namutoni, Goanagas, Grande e Pequeno Okevi com as respectivas áreas circundantes

“Todos os chefes Hain//omn estavam submetidos ao Griquabastard Johannes Krüger, o qual, por volta de 1859, atravessou, com o seu irmão, o Orange para caçar elefantes na região do sudoeste. Johannes Krüger tornou-se rapidamente conhecido entre os Bosquímanos, nomeando-se a si próprio soba dos Hain//omn. Ele governava com mão de ferro e eles tinham medo dele. Andava sempre rodeado de umas centenas deles. Apesar disso era uma pessoa bem vista, correcta, perante quem todos nutriam respeito, de tal forma que rapidamente se tornou no soba de todos os Bosquímanos e Damaras Montanheses (Bergdamaras) que viviam no norte. Tinham todos de lhe dar um tributo anualmente”.

As actuais fazendas tinham antigamente, todas elas, nomes Hain//omn. Assim clamavam-se, por exemplo, as nossas quintas: Otjiguinas “//Kharaxas” e Otjikotoberg “Noebekhobas”. Não obstante estarem estes dois lugares sob o domínio do chefe //Gakoweb em Otjikoto, não deveriam os clãs necessitados extrair água do lago. Tinham de pedir primeiramente ao chefe e dar-lhe, como recompensa, um pequeno presente, tal como pontas de setas. Como nesta região os Vleys não mantêm a água da chuva durante muito tempo, viviam os Bosquímanos apenas da água da chuva que recolhiam em alguns lugares nas montanhas. Era muitas vezes difícil ter acesso a estas reservas de água, pelo que teciam cordas compridas de ráfia e outras fibras, às quais prendiam recipientes feitos com ovos de avestruz, com os quais tiravam a água dos poços inacessíveis. Caso as fendas fossem muito estreitas, fixavam na corda erva (Kräuselgras). Mergulhavam-na na água pelas fendas estreitas, puxavam-na e depois cada um chupava a água da erva. Desta forma podiam eles matar a sede. Quando nós começámos a construir a nossa fazenda, encontrámos nas montanhas ainda muitas destas cordas com erva.

A ORIGEM DOS HAIN/OMN

/Garugu contou-me o seguinte. No início haveria apenas homens sobre a terra, o que deveria ser muito monótono. Um dia um jovem caçador Hain//omn foi muito cedo para a caça, tendo deparado com uma grande árvore de antepassados, à volta da qual dançavam jovens muito bonitos. Estes de trás pareciam homens, de frente, porém, eram diferentes. Uma mulher-antepassado velha tomava conta deles e quando o sol se pôs, bateu palmas e todos, inclusivamente a mulher-antepassada, desapareceram dentro da árvore. Depois disso, o caçador correu para casa e contou aos homens que havia pessoas que, da parte da frente, eram diferentes dos homens. Ficaram todos excitados e decidiram que cada homem deveria fazer uma tanga e uma caixa de pó (Puderdose) de casca de tartaruga decorada com placas dos ovos de avestruz. Quando cada um tinha feito o combinado puseram-se a caminho bem cedo, antes de o sol nascer, e puderam, na realidade, observar a bela dança. Porém, quando o sol nasceu e pôs-se mais alto, a mulher-antepassado bateu palmas e tudo terminou.

Repetiram isto todos os dias, não perderam, porém, as esperanças e, na realidade, numa manhã a mulher velha distraiu-se e eles tiveram a oportunidade de se fazer notados e mostraram-lhes o que tinham feito para elas. Cada homem pôde, assim, regressar acompanhado com uma mulher. Os homens Hain//omn ficaram muito felizes, mas, ao olharem para as mulheres, não sabiam o que fazer com elas. Um dia, a caminho novamente para ocidente, encontraram-se com homens que também tinham consigo mulheres. Para seu espanto com eles estavam pessoas dos mais diferentes tamanhos, uns, por sinal, bastante pequenos. Quando os Hain//omn lhes perguntaram, donde vinham estes, os outros riram-se e mostraram-lhes as suas brincadeiras de sexos. Contentes com o que ouviram e viram regressaram ao acampamento e, desde então, passaram a ter também crianças.

//GAMAB, O DEUS DOS HAIN/OMN

//GAMAB mora entre o céu e a terra e não tem casa. É um homem magro, alto, com uma longa barba e as suas sobrancelhas são fartas. Na cabeça tem cornos de todos os animais do Sudoeste Africano, com excepção dos do bambi (Duiker)², pois ele chora como

² Existe uma outra designação em alemão para este pequeno antilope, do grupo dos pequenos antilopes africanos. Essa designação é: "Schopfantilope" (Nota do trad.)

uma criança pequena, quando é morta. Perto do //GAMAB está um leopardo sentado e, do outro lado, está uma grande cobra. Muitas vezes //GAMAB utiliza-a como cinto, outras vezes utiliza-a como correia. Envia-a, por vezes, à terra para morder as pessoas más.

A COBRA É UMA ESPÉCIE DE DRAGÃO

/Garugu descreveu-me a cobra da seguinte forma: ela tem mais ou menos 200 metros de comprimento e tem uma largura de meio metro. É negra como uma cobra mamba e a sua pele brilha. Entre os olhos tem uma pedra que alumia como uma lâmpada. Alimenta-se de formigas e ratos. Por vezes vem à terra. /Garugu viu-a há muitos anos na quinta Gaub. Ela cheirava mal. O cheiro só por si já é venenoso, pelo que as pessoas só por causa dele podem já morrer. Quando /Garugu a viu ela trazia um tronco às costas para construir uma casa para si. Quando alguém suja o fogo, sobretudo o fogo do curandeiro, a cobra, por raiva, deixa-o morrer. Quando eu lhe perguntei: “Como é que se pode sujar um fogo?”, mudou de tema e não me respondeu à pergunta. Notei, porém, que qualquer coisa não estaria bem, pelo que voltei várias vezes à questão. Um dia disse-me ele: “Senhora, tu és uma pessoa assim!”. Eu fiquei espantada e disse: “Porquê eu?”, “sim”, disse-me ele: “Tu não gostas que o nosso acampamento esteja sujo e fazes de tempos a tempos limpeza com os nossos filhos e atiras papel, farrapos, sapatos velhos etc. para o meu fogo que é sagrado porque sou curandeiro e, como tal, deve apenas ser alimentado com madeira. Tudo o que não é para queimar, juntas tudo numa cuba e mandas enterrar na floresta. Não podias tu também enterrar o lixo que arde?” “Oh! homem”, disse eu: “Porque é que não me disseste isso mais cedo?”, ao que ele me respondeu: “Tu nunca me tinhas perguntado!”. Depois disso não voltei a fazê-lo.

Nós tínhamos em Otjiguinas um outro curandeiro com o nome de Axuhege //Komoxaab=Leffi. Também ele me descreveu a cobra: a cobra teria cerca de 150 a 200 metros e o seu rasto tinha meio metro de largura. É escura e tem entre os olhos uma pedra que alumia. Quando está na terra, ela junta madeira para construir uma casa. Ela pode a qualquer momento surgir na terra ou na água. Ela cospe às pessoas, mas não as morde. Aqueles a quem cospe ficam imediatamente cegos. Ao pôr do sol vai a cobra à procura de alimento, deixando, porém, a pedra que alumia em casa. Esta pedra alumia até a uma grande distância para que a cobra possa ver os alimentos. Algumas pessoas já lhe roubaram a pedra. Ela perseguiu-os imediatamente, apanhou-os e as pessoas morreram logo ali. Ninguém deve construir

o seu acampamento a ocidente do ninho da cobra, pois o vento de leste leva-lhe o cheiro dela e então as pessoas morrem. Apenas um curandeiro pode evitar a morte destas pessoas. Um Hain//omn matou uma vez, perto de Namutoni, uma cobra como esta. Morreu de imediato e a seguir os filhos. Um curandeiro evitou, contudo, que todo o clã morresse. A água esgotou-se em toda a região. Esta cobra chama-se //Gan-!gub. Ela tanto pode ser macho, como fêmea e ainda se pode transformar noutros animais.

//GAMAB pode tudo. Determina o tempo e governa todos os seres vivos. //GAUA é o contrário de //GAMAB. Ele é uma espécie de diabo em forma de gente, tanto é masculino, como feminino e apenas executa acções más. Por vezes, porém, //GAMAB e //GAUA trabalham juntos. O arco íris é a seta e o arco de //GAMAB, mas se uma pessoa se aproxima do ponto em que o arco íris toca na terra, é imediatamente queimado. Depois há ainda os espíritos dos mortos, os quais vão ter com //GAMAB. Chamam-se //GAMAGU e têm arco e flechas. Caso atirem uma seta a uma pessoa, ela morre.

//GAMAB tem muitas mulheres, não tem, porém, qualquer relação sexual com elas. Vão até ele apenas para passar o tempo, regressando sempre a suas casas.

//GAMAB pode ainda fazer com que um vento mau sopra sobre o acampamento, fazendo com que as pessoas adoeçam ou até morram.

A DANÇA DO MACHO DA CAMURÇA (GEMSBOCKTANZ)

Era a dança preferida dos Hain//omn de Otjiguinas. Um bom dançarino entra sozinho na roda, segura dois paus nas mãos e encosta-os à cabeça. Representa, desta forma, um bode. Inicialmente ele dança, de forma alegre, sozinho. Junta-se-lhe depois um dançarino, segue-se um segundo, um terceiro e, por vezes, um quarto. Representam na dança os cães que cercam o bode. No ritmo da dança arfam e ladram como os cães e há sempre um deles que simula um ataque ao bode e este, por sua vez, baixa a cabeça e investe sobre ele com os cornos. Caso estes toquem no cão, ele gane. O círculo à volta do bode torna-se cada vez mais apertado e o animal vai ficando cada vez mais cansado. Junta-se ao grupo um outro dançarino, mas desta vez com um grande pau que representa uma lança. O dançarino faz de conta que a arremessa e o bode acossado, apanhado pela lança, tropeça e cai morto. Cães e caçador dançam à sua volta, afastando-se depois. A seguir aproximam-se as mulheres que, com os braços estendidos, dançam à volta do bode morto. Representam abutres. Depois de

um certo tempo uma das mulheres atira-se ao bode, no que é seguida pelas restantes e, com isso, chega a dança ao fim. Eles são todos, na verdade, autênticos actores e, mesmo sem os devidos esclarecimentos, percebe-se perfeitamente estas danças.

AS ALMAS DOS HAIN/OMN

Sobre estas contou-me /Garugu o seguinte: os Hain/omn têm duas almas nos seus corpos. Quando //GAMAB chama uma pessoa através do vento ou, então, lhe atira uma seta invisível, a pessoa morrerá, caso não seja salva por um curandeiro. Ambas as almas evadem-se pela boca quando se morre. A alma que se evade primeiro vai para //GAMAB, a outra tem de guardar o túmulo. Como ambas querem ir para //GAMAB, lutam entre elas e é por isso que se ouve os moribundos a estertorar. A alma que guarda o túmulo espanta todos quantos se aproximem do mesmo, pelo que os Hain/omn não visitam nenhum túmulo. Aquele que se aproximar poderá sentir fantasmas, pois sente um arrepio a percorrer a espinha e os cabelos eriçam-se. Além disso fica com pele de galinha. Contra estas sensações apenas ajuda o fumo do tabaco, embora o melhor remédio seja mesmo fugir. Algumas almas não chegam, porém, a //GAMAB porque são más. Transformam-se em cobras que, na terra, mordem pessoas e animais.

/Garugu contou-me que todos os seus familiares mortos já o tinham visitado em sonho para averiguarem se ele estava bem. Quando a sua mãe aparece num sonho, ele não consegue voltar a adormecer com medo que ela o leve por gostar muito dele. Nessa altura diz-lhe: "Vai-te embora!"

Os espíritos também podem viver em árvores. Perto da casa da fazenda Otjiguinas há uma árvore Tambutti assombrada. Se alguém passar ao pé dela, acontece-lhe logo aí um revés. Poderá pisar um espinho mais longo ou ter uma queda infeliz. Se se passar por lá de bicicleta ou de carro, terá uma avaria. Se se ficar quieto ao pé da árvore, ouvir-se-á alguém a falar, sem que se veja alguém.

O PARTO

A mãe dá à luz o seu bebé na sua própria cabana. Homens e crianças não podem entrar, nem estar por perto da cabana durante o parto. Mulheres velhas e algumas amigas assistem ao mesmo. Na maioria das vezes a parturiente está sentada, apoiada nos braços de uma mulher mais velha que deverá ser a sua Megis, uma tia materna³, desde que a mesma esteja presente. Dos dois lados da parturiente

sentam-se outras duas mulheres velhas que, quando a parturiente tem uma contracção, dão as mãos por detrás das suas costas e exercem pressão sobre elas, enquanto que outras duas lhe seguram as pernas. A Senhora (neste caso eu) tinha de estar presente em todos os partos. Dava sempre às parturientes chá de funcho que, depois de bebido, as mulheres diziam-me que as dores tornavam-se mais ténues. Em todos esses anos nunca ouvi uma mulher Hain/omn gritar, mesmo quando o parto era difícil. Mordem os lábios que, depois de tudo passado, ficam, na verdade, com muito mau aspecto, mas nunca emitem um som! Logo que a criança nasce, uma mulher velha pega nela e depois deita-a primeiro no chão, não sem que antes tivesse visto se é menino ou menina. Nesse momento todas as presentes têm de fumar bastante, inclusivamente a Senhora, de tal forma que em poucos instantes a cabana fica repleta de fumo. Este fumo deveria impedir que os espíritos maus se atirassem imediatamente ao recém-nascido. As mulheres vão tocando no cordão umbilical e após algum tempo cortam-no sobre um pedaço de madeira ou uma pedra e ao pedaço que fica preso ao umbigo dão-lhe um nó. De início impressionava-me este processo e então dizia-lhes que primeiramente deviam atar o cordão umbilical. Riam-se, abanavam a cabeça e diziam-me que “A anciã não lhes dera nenhum Tsurib”. A anciã é aquela que liberta as almas dos bebés da grande árvore para que possam nascer e “TSURIB” significa em alemão fio. Um recém-nascido Hain/omn é, logo a seguir ao parto, espantosamente branco. Não é logo lavado, mas sim esfregado com uma mistura de folhas e gordura, ficando completamente limpo, ganhando uma cor vermelha acastanhada. Até a cabeça é esfregada com essa pasta. Os cabelinhos molhados, esfregados, ficam encarapinhados. Entretanto uma mulher velha prepara o amuleto do leite (Milchhölzchen) que é preso a uma correia de cabedal e colocado à volta do pescoço da mãe. Destina-se a fazer com que a mãe tenha sempre leite suficiente para o bebé. Esta mesma mulher chupa o peito da mãe e depois coloca a criança para que esta mame.

Junto de um outro clã foi-me dado ver a mulher velha a cuspir na cara da criança e da mãe, nesta última também no peito, e só depois desta operação pôs o bebé a mamar. Durante o parto está uma pequena fogueira acesa na cabana. A placenta é enterrada atrás da cabana e ninguém deve vê-la. Quem a vir ficará gravemente doente. A mãe abandona logo no dia seguinte a cabana, enquanto o bebé, até que o cordão umbilical caia, não deve ser visto por ninguém, nem mesmo pelo próprio pai. A mãe, entretanto, rapa a cabeça do bebé. O

⁴ A Megis é uma tia materna. Desempenha na vida da criança um papel educativo quase tão importante como o da mãe. É ela que, por exemplo, dá um nome ao recém-nascido (cf. texto orig., p. 7)

cabelo, o cordão umbilical e a cinza resultante da fogueira que esteve acesa durante o parto são enterrados na mesma cova da placenta. A própria cabeça da mãe também é rapada, sendo, porém, os seus cabelos simplesmente deitados fora. Apenas assisti a um parto difícil que, quando o conhecimento tradicional já não bastava, foi a parturiente levada a um médico branco.

Fui eu que a levei de carro ao hospital. As enfermeiras negras tiraram-lhe primeiro, por razões de higiene, o “Tsurib” que todas as mulheres Hain/omn têm à cintura...

A FESTA DE INICIAÇÃO DE THUERA

A 13 de Janeiro de 1958 Thuera viu a luz do dia em Otjiguinas. Quando Thuera já andava o pai abandonou a mãe e esta foi-se embora à procura de um outro homem. Desta forma Thuera foi educada pelos avós. A 3 de Maio de 1969 a rotina foi quebrada. De repente as mulheres começaram a dar o seu grito “Kirrikirri” e não demorou muito para que de boca em boca se comesse a dizer: “THUERA JÁ É ADULTA”. Ela foi logo fechada numa cabana e não podia falar mais. Cobriram-lhe a cara com um pano. Duas mulheres velhas levavam-na à floresta, quando ela tinha alguma necessidade, batendo previamente na porta para manifestá-la. De resto davam-lhe comida e bebida sem que uma palavra fosse pronunciada. Antigamente uma rapariga nestas circunstâncias devia apenas permanecer na cabana durante três dias. Hoje, porém, tem de ficar até sábado na medida em que a maioria das pessoas da comunidade trabalha, ficando apenas livres a partir de sábado à tarde. Durante a semana as mulheres dançam várias vezes à volta da cabana, cantando, batendo palmas e gritando: “Kirrikirri”. Trata-se de um grito que quanto mais estridente for, mais bonito é. Este grito tem por objectivo abrir os ouvidos a Thuera, pois acreditam que as crianças teriam os ouvidos fechados e que só quando se tornam adultos estes se abrem. Por esta razão praticamente não educam os seus filhos, pois estes não os ouviriam. Duas mulheres velhas, na maioria das vezes uma delas é a sua Megis, esfregam-lhe o corpo com gordura até que, de tanto esfregar, se formem pequenos rolos de sujidade. Os pelos do corpo são extraídos. Estes pelos e os rolos de sujidade são colocados numa pequena bolsa de couro que depois é pendurada na cabana da avó. As duas mulheres velhas ensinam-lhe então tudo sobre os deveres de uma mulher e sobre o casamento. Thuera pode apenas acenar com a cabeça como sinal de ter entendido tudo. Durante todo este cerimonial não deve pronunciar qualquer palavra.

A 10 de Maio de 1969 chegou finalmente o grande dia de Thuera. No decorrer da semana todo o clã e parentes foram avisados do facto e, no dia aprazado, estavam presentes cerca de 100 Hain/omn para tomar parte nos festejos. À tarde levaram uma cabra para a cabana e o seu focinho foi colocado junto dos ouvidos de Thuera. Uma das mulheres mordeu a orelha da cabra de forma que esta gritou de forma ensurdecadora e, com isso, os ouvidos de Thuera abriram-se por completo. Depois disso a cabra foi estrangulada, pois a sua goela não pode ser danificada e não deve deitar sangue. De forma cuidada foi a gordura do estômago do animal extraída numa peça só (Magenfett in einem Stück) que, ainda quente, foi colocada sobre a cabeça de Thuera. No rebordo recortaram uns bicos nos quais as mulheres colocaram contas coloridas. Antigamente utilizavam bagas e pedaços da casca do ovo de avestruz. Depois disso Thuera vestiu, pela primeira vez, um vestido comprido e, à volta do pescoço, vários fios oferecidos pela Megis. Algumas vezes, no lugar desses fios, colocam à volta do pescoço das raparigas o intestino grosso da cabra inflado de ar. À frente, na testa, colocam a vesícula biliar da cabra ainda cheia para dar sorte. Numa tal festa se alguém que dance mais entusiasticamente vai contra a vesícula e a rompe e o conteúdo escorrega para a cara da rapariga, dá, tal acontecimento, azo a uma sessão de lamentações. Crêem que a rapariga, após tal infortúnio, irá ter apenas azar na vida.

À noite juntaram-se todas as mulheres à volta da cabana de Thuera, começaram a cantar determinadas canções, acompanhando-as com um bater de palmas. Tiraram Thuera da cabana e colocaram-na no meio do círculo. Sobre o véu de gordura que havia sido posto sobre a cabeça puseram ainda um pano para que ninguém visse algum bocado que fosse da sua cara. As mulheres continuaram a dançar, empurrando Thuera. Não se podia tocar viola e nenhum ser masculino pôde participar nesta cerimónia. Mesmo o bebé mais pequeno, quando masculino, é tirado das costas da mãe. De vez em quando, uma mulher aproximava-se dos ouvidos de Thuera e gritava estridentemente "Kirrikirri". Depois desta cerimónia Thuera foi novamente levada para a cabana. Este quadro da cerimónia repetiu-se, porém, várias vezes. As mulheres continuaram, entretanto, a dançar à volta da cabana de Thuera. Por fim foi ela conduzida a um lugar onde já se encontravam os homens. As mulheres continuaram a cantar, porém, canções diferentes, e batiam palmas. De repente começaram uns a tocar violas e os homens começaram também a dançar. Thuera era conduzida, à esquerda e à direita, por mulheres que dançavam, enquanto ela própria não devia dançar, acompanhan-

do-as apenas com passos pequenos. Durante todo o cerimonial mantinha a cabeça baixa e, de vez em quando, havia pausas, durante as quais Thuera era conduzida novamente à cabana. Assim decorreu a cerimônia durante toda a noite.

À frente de Thuera dançavam homens jovens que, ao fazê-lo, simulavam movimentos sexuais. Ao amanhecer Thuera teve de ir buscar um balde de água e um feixe de lenha que carregou orgulhosamente de cabeça erguida. Após este acto ela passou a pertencer à comunidade das mulheres, pelo que pôde voltar a falar. A sua Megis acompanhou-a à cabana e tirou-lhe as jóias.

Hoje as raparigas podem escolher se querem usar um pano na cabeça ou uma touca de lã. Durante a cerimônia têm de usar um vestido comprido, mas depois podem voltar a usar vestidos curtos. A Megis tira as contas do véu de gordura e frita-o. Mistura-o com folhas aromáticas trituradas e coloca num recipiente de cosmética, composto por uma carapaça de tartaruga enfeitada com contas, que é usado à cintura, preso por uma tira de couro. Apenas a Megis se pode besuntar com esta gordura.

Os Hain/omn de Namutoni festejam a iniciação da mesma maneira. As raparigas têm também de ir buscar um balde de água e um feixe de lenha, sendo depois a água do balde deitada sobre a cabeça da rapariga. Assisti a uma outra cerimônia em que as mulheres, ao dançarem, punham as mamas junto à boca da rapariga que, por sua vez, desviava a cara. Tal significava que ela já era adulta, pois recusava o peito.

OS JOGOS SEXUAIS DAS CRIANÇAS

As crianças depois dos oito anos gostam de praticar jogos sexuais, na maioria das vezes, imitando os animais. Descobri uns uma vez no nosso quintal, sob um mamoeiro, ralhei-lhes e falei com os pais. Olharam para mim como quem não compreende nada e disseram-me que eram apenas crianças que, como tal, apenas brincavam. Sendo um jogo da natureza porquê que haveriam de se zangar. Depois disso alguns rapazes entraram na capoeira das galinhas e violaram as galinhas poedeiras, tendo morrido quatro delas. Fiquei zangada e chamei os rapazes à minha presença. Disse-lhes: "Se vocês sabem brincar aos adultos, então também podem trabalhar como homens". De castigo pus na mão de cada um machado e obriguei-os a cortar arbustos.

A COBRA DE ÁGUA DE GUIGAB

Contaram-me sobre esta cobra o seguinte: junto às fontes de Guigab havia antigamente uma grande cobra que fazia com que a água jorrasse com força. Os habitantes da zona viam-na quase todos os dias, mas ela era-lhes sagrada e, como tal, ninguém lhe fazia mal. Quando o capitão dos Bosquimanos Johannes Krüger se mudou de Gaub para Guigab, o velho que guardava a cobra, avisou-o para não a matar. Krüger riu-se e matou-a. Na mesma noite a cabana do velho incendiou-se e logo depois morreram muitas crianças. Os habitantes da zona crêem que era a vingança da cobra e, como tal, abandonaram o lugar. Até alguns familiares de Krüger foram para Grootfontein. Com medo de que o mau presságio atingisse a família Krüger, acabaram por mudar de nome. As próprias fontes nunca mais jorraram como dantes. Eu tive a oportunidade de contar no local para cima de 100 campas de crianças. Não sei se não terão morrido por causa da chamada gripe espanhola de 1918? Perguntei a muitos Hain/omn que, contudo, continuaram a dar como causa da morte a vingança da cobra.

ALGUMAS HISTÓRIAS CURIOSAS

As cobras indiciam uma morte

O nosso primeiro filho foi um rapaz. Um bebé que fazia a nossa alegria diária, assim como a do avô Schatz. No dia antes do seu segundo aniversário, decidimos ir a Grootfontein para fazer uma fotografia e, depois, viajarmos até Palmfläche, onde moravam os meus pais e, com eles, passarmos o dia de aniversário. Era sábado e, como sempre, os Bosquimanos deveriam ir com uma carroça de água até ao cemitério da fazenda e aí encher os barris, dos quais depois, durante a semana, se tirava água para regar. De repente vieram do cemitério até nós a correr e a gritar: “Senhora, senhora, vai acontecer uma coisa muito má em Otjiguinas e brevemente haverá uma outra campa no cemitério”. À minha pergunta, porquê?, responderam-me: “Duas grandes cobras estão a lutar num dos barris e isso significa morte. Nós matámos as duas”. Acalmei-os e, não dando importância à história, fomo-nos embora. 14 dias depois o nosso filho estava a ser enterrado. Ele tinha apanhado difteria e o médico não descobriu logo a doença, tratando-o como se fosse uma infecção de garganta.

Naitjuse é enterrada

Quando Naitjuse morreu, fomos buscar o corpo na manhã seguinte. Os Hain/omn estavam em grande luto. O seu neto //HOROGU era nosso empregado doméstico e disse-lhe que deveríamos enterrar a sua avó tão depressa quanto possível, pois com tanto calor, o corpo deteriora-se rapidamente. Era Novembro e Gustavo, como o chamávamos dentro de casa, disse-me que não podia ser. As mulheres tinham de cantar durante toda a noite e ainda no dia seguinte cantos fúnebres. Além disso os outros membros do clã, a trabalharem noutras fazendas, tinham de ser avisados. Perante novo aviso meu, para que o corpo não cheirasse mal, pôr-se-ia um ferro de engomar sobre o peito da defunta e pendurar-se-ia, numa árvore um segundo ferro. Tais objectos impediriam que o corpo se deteriorasse.

Como o corpo se tivesse, na verdade, deteriorado e os próprios Hain/omn não pudessem mais suportar o cheiro, na manhã seguinte dirigiram-se em procissão para o cemitério. O corpo havia sido colocado sobre uma carroça puxada por um burro. Pouco tempo durou a cerimónia fúnebre junto à cova, pois as varejas não os deixavam em paz. Depois do que aconteceu fiz de conta que nada sabia. Quando perguntei ao Gustavo quando a avó seria enterrada, disse-me gaguejando envergonhadamente que os ferros não haviam servido para nada, pelo que tiveram de enterrar a avó mais cedo do que pensavam.

Uma mulher Hain/omn foi fulminada por um raio

O fio do nosso telefone passava pelo campo de milho. Uma vez choveu tanto que não podíamos ir para o campo com o tractor. Assim, as mulheres tinham de ir sarchar as ervas daninhas. Pouco depois de terem iniciado o trabalho, começou a chover e elas dirigiram-se para casa. No caminho um raio caiu entre elas e fulminou uma delas. As outras deixaram-na deitada e fugiram, em pânico, para a nossa casa. Chamámos o marido e fomos ao lugar do infortúnio. Quando chegamos o seu vestido ainda ardia. Com areia o meu marido e eu apagámos o fogo, enquanto o seu marido, com toda a calma, fumando cachimbo, nos disse: "Foi o desejo de //GAMAB". Com ela, na altura em que foi apanhada pelo raio, estava a sua filha casada, que tinha dois filhos pequenos. Esta, ao contrário do marido, estava aterrorizada e dizia que já tinha perdido a cara. Fechou-se na sua cabana com o rosto velado, deixando de cuidar do marido e dos filhos. Fui com um espelho até ela para lhe mostrar como ela continuava a ter rosto, ela, contudo, não reagiu. Uns tempos depois a sua Megis levou-a a ela e

aos filhos. Desde então o seu marido nunca mais viu os filhos. Foram provavelmente para o distrito de Outjo.

As mulheres diziam, após este acontecimento, que o fio de telefone havia zangado //GAMAB que, por isso, havia enviado o raio. A partir desse momento negavam-se a pisar o campo de milho, pelo que o meu marido se viu obrigado a mudar o curso do fio, voltando então tudo ao normal.

O CIÚME

Duas raparigas apaixonaram-se pelo mesmo homem. Num sábado, aquando da distribuição de comida, estando todos juntos no terreiro para receber a sua ração, elas começaram a discutir. Os outros fizeram uma roda à volta delas, sem que alguém interferisse. A discussão subiu de tom e começaram a bater-se. Arranhavam-se, batiam-se, rasgavam os vestidos, pelo que, passado um bocado, estavam nuas. O homem, por sua vez, olhava-as divertido. Como ninguém as apartava, tentou o meu marido fazê-lo. Mas também não conseguiu. Apenas quando uma delas mordeu a mama da outra e arrancou um pedaço de carne, esta, com dores, desistiu. No dia seguinte nenhuma delas se lembrava de ter visto o meu marido a tentar separá-las. Elas estavam, na altura, completamente cegas de raiva.

A CERIMÓNIA DA CHUVA

Num determinado ano esperávamos a chuva sem que esta desse sinais de si. Os Hain/omn e nós próprios estávamos muito preocupados, pois o gado já tinha falta de pasto. Os homens velhos hain/omn diziam-nos: "Aqui só /Garugu, o grande curandeiro, nos pode ajudar". Aceitámos a proposta e, à noite, lá estávamos todos à volta da fogueira. /Garugu, com o seu ornamento, encontrava-se no meio do círculo. Pôs pólvora num recipiente de chapa, colocou brasas por cima e a pólvora começou de imediato a arder e a fazer fumo. Primeiro mostrou às mulheres a pólvora a arder e depois aos homens. Depois olhou para todas as direcções do céu como se procurasse algo. Depois disso atirou as brasas outra vez para a fogueira e a pólvora deixou de arder e de fazer fumo. Passou a curar todos os doentes presentes, o que durou naturalmente algum tempo. Quando se inteirou que não havia mais doentes presentes, tirou as suas jóias, ficando apenas com os calções, tendo, porém, nas mãos penas de avestruz. Correu uma vez na direcção do sol nascente e depois do sol poente, demorando-se

muito na floresta. Enquanto isso as mulheres cantavam e batiam palmas muito alto sem qualquer pausa. Depois de um longo período regressou da floresta, de tal forma cambaleante que teve de ser amparado e guiado até que acordasse do estado de êxtase. Dançou à minha volta e deu a sentir as penas de avestruz que estavam completamente secas. Os outros também as deviam tocar. Depois disso dirigiu-se à fogueira para onde deitou as penas. De repente começou a ouvir assobios no fogo e das penas escorriam gotas de água. Disse-nos que estas seriam as gotas de chuva tão desejadas. Era-me tudo estranho. Tratar-se-ia de hipnose? O certo é que no dia seguinte choveu.

A INICIAÇÃO DE RAPAZES (KNABENWEIHE) E A CURA DE INFERTILIDADE (KINDERLÖSIGKEIT)

Estas duas cerimónias tiveram lugar numa só noite e /Garugu havia-me convidado para assistir às mesmas. Os rapazes exercitam-se cedo nas artes de correr, de arremesso com arco e flechas e com catapulta (Katapult). Quando um rapaz muda de voz e os mamilos incham é sinal para os Hain/omn de que é a altura para a cerimónia de iniciação. Antes de a festa ter lugar, o seu corpo é todo coberto de pó e, na companhia de um homem, antes do nascer do sol, é levado para a floresta. Fazem-no a correr. Vendo um animal de caça, o jovem deve matá-lo e, caso o consiga, deve trazer a carne para a oferecer aos mais velhos. Ele apenas pode comer a carne das costelas, onde o coração está alojado, sendo-lhe a restante carne tabu. Chegando ao acampamento os mais velhos esfregam-lhe a barriga com a carne e salpicam-no com água. Naturalmente que uma tal festa apenas tem lugar se o rapaz conseguiu ultrapassar os obstáculos impostos ou previstos.

Hoje os rapazes já não podem caçar animais selvagens com a mesma facilidade de antigamente. Têm, porém, de passar por uma prova como, por exemplo, construir armas e armadilhas, caçar lebres, matar pássaros com a catapulta e apanhar, com armadilhas, galinhas-de-angola.

Na noite da iniciação sentavam-se as mulheres de um dos lados e, à sua frente, os homens. Formavam, como sempre, um círculo. Junto dos homens sentavam-se os dois rapazes a serem iniciados. Tinham por volta de 15 anos os dois. Numa espécie de banco sentavam-se /Garugu, Axuhege e um outro curandeiro; este desconhecido. Tinham todas as suas jóias. No meio crepitava uma fogueira.

As mulheres e os homens começaram a cantar. Apenas as mu-

lheres acompanhavam os cânticos com palmas. Os curandeiros dançavam no meio do grupo. De repente /Garugu abandonou o seu lugar, enquanto os outros dois curandeiros continuavam a dançar, pôs a mão sobre a cabeça das mulheres casadas, apalpando as suas mamas e metendo a mão debaixo das suas saias. Durante este tempo os rapazes permaneceram quietos junto dos homens. /Garugu procurou então a mulher que sofria de infertilidade, apalpando o seu corpo, metendo a mão várias vezes debaixo da saia e, de repente, parece ter encontrado qualquer coisa que manteve escondido nas duas mãos. Após este episódio, começou a cambalear como se estivesse bêbado, os músculos começaram a ficar tensos e, por fim, entrou em êxtase. Manteve, contudo, as mãos fechadas. O curandeiro desconhecido agarrou-o pela cintura, pois ele parecia que caía. Depois disso, a cambalear, dirigiram-se ambos para a floresta. Aí /Garugu abriu as mãos e deitou fora a peçonha que elas continham e escondiam. Ainda dançando, regressaram os dois ao círculo. Os três estiveram um momento quietos, enquanto as mulheres continuaram a cantar. Durante a dança /Garugu colocava, de vez em quando, as mãos sobre a cabeça dos rapazes. A dança dos curandeiros tornou-se mais violenta por volta da meia-noite, quando a lua se levantou. /Garugu mexia nas mulheres, a sua atenção, porém, demorava-se na que era infértil. Apanhou um pau que ardia e marcou os dois peitos da mulher, de ambos os lados, com queimaduras. Depois disso meteu a cabeça debaixo da sua saia e permaneceu, nesta posição, algum tempo. Deitou, depois disso, ervas para a fogueira. Os três curandeiros entraram em êxtase e deitaram-se sobre as brasas da fogueira. /Garugu encontrou ainda algumas coisas más na mulher que deitou fora, para a floresta. A cerimónia durou até ao amanhecer. Depois dela os rapazes passaram a pertencer à comunidade dos homens. A mulher mudou-se da fazenda pouco depois e acabei por não saber se a cerimónia curativa havia resultado.

O CASAMENTO

Quando um par deseja casar, o homem tem de primeiro perguntar à mãe, à Megis e, de preferência, também à avó se o pode fazer. O casamento é uma questão de mulheres, pelo que não se tem de pedir ao pai. Sem a permissão da mãe e da Megis o par não pode casar, mesmo que já tenham uma criança. Importante é também a benção dos parentes do lado materno. Um jovem contou-me uma vez que se a resposta não é logo dada, pelo que o interessado vai perguntando sempre até que, cansadas com a insistência, acabam por dizer

que sim. Através de presentes também se pode, por vezes, conseguir o requisitado consentimento. O casamento não é uma grande festa. Para as raparigas Hain/omn a grande festa é a iniciação.

\\GARUGU SENTIU O SEU FIM A APROXIMAR-SE

A 29 de Setembro de 1986 alguns Bosquímanos foram chamar-nos a Tsumeb, onde entretanto vivíamos. “/Garugu chamou Hatsuni (a mulher que passou a cuidar dele) e disse-lhe que ele estava no fim e que iria morrer. Ela deveria chamar toda a população, de quem ele se despediu, pedindo que cumprimentassem por ele o Senhor e a Senhora e lhes pedissem que tratassem dos filhos! Ele não sobreviveria ao pôr-do-sol do dia seguinte. Tinha chegado a altura em que ele se tinha de ir embora.

No dia seguinte dirigimo-nos, Wolfgang e eu, para a fazenda. Encontrámos /Garugu sentado na sua palhota, olhando para o infinito e não reagindo a nada. Estava sentado como se estivesse morto. Falámos para ele, tocámos-lhe, chamámo-lo pelo seu nome, mas ele não reagiu. Depois de um certo tempo, já nos dispúnhamo-nos a ir embora, chamei-o uma vez mais pelo seu nome e, de repente, ele pareceu ganhar vida. Olhou em volta admirado, reconheceu-nos e com o rosto totalmente radiante disse-nos: Ei, Senhor e Senhora vieram”. “Sim”, disse eu, “e trouxemos um bocado de sopa que deves comer imediatamente, para que fiques bom!” Ele, ainda radiante, disse-nos então: “Eu já ia a caminho do meu //GAMAB, mas, a meio do caminho, voltei para trás. Ei, ei!”